

**VIDAS SECAS****1. BIOGRAFIA DO AUTOR**

- 1892 – Nasceu em Quebrângulo–AL, em 27 de outubro. Filho de Sebastião Ramos de Oliveira e Maria Amélia Ferro Ramos.
- 1910 – O pai se estabelece no comércio em Palmeira dos Índios.
- 1914 – Passa um ano no Rio de Janeiro, trabalhando como revisor dos jornais: *Correio da Manhã*, *A Tarde*, *O Século*.
- 1915 – Regressa a Palmeira dos Índios devido à morte repentina de três irmãos e um sobrinho, vítimas da peste bubônica. Permanece em Palmeira, proprietário da Loja Sincera. Casa-se com Maria Augusta.
- 1920 – Morte de sua esposa. Escreve crônicas para três jornais: *O Índio* (Palmeira dos Índios), *Jornal de Alagoas* (Maceió) e *Paraíba do Sul* (Rio de Janeiro).
- 1927 – Presidente da Junta Escolar de Palmeira dos Índios.
- 1928 – Prefeito de Palmeira dos Índios, de 1928 a 1930, com rigidez e honestidade. Casa-se, pela segunda vez, com Heloísa de Medeiros.
- 1929 – Escreve primeiro relatório da prefeitura ao governador, publicado no *Diário Oficial*. Devido ao estilo inusitado, desperta interesse em Augusto Frederico Schmidt, dono da *Editora Schmidt*, que mais tarde publicaria Caetés.
- 1930 – Renuncia à Prefeitura. Vai para Maceió e é nomeado Diretor da *Imprensa Oficial do Estado de Alagoas*.
- 1933 – Publicação de *Caetés*. É nomeado Diretor da Instrução Pública de Alagoas, cargo que exerce durante três anos.
- 1934 – Publicação de *São Bernardo*.
- 1936 – Em março é preso, sem provas, em Maceió, acusado de subversão. Segue para o Recife e o Rio de Janeiro. É demitido do cargo de Diretor da Instrução Pública. Publicação de *Angústia*.
- 1937 – Em janeiro é libertado, depois de muitos sofrimentos e humilhações. Passa a morar no

Rio de Janeiro. Escreve *A terra dos meninos pelados* e ganha prêmio de Literatura infantil, em concurso realizado pelo Ministério da Educação.

- 1938 – Publicação de *Vidas Secas*.
- 1939 – Publicação de *A terra dos meninos pelados*. É nomeado Inspetor Federal do Ensino Secundário.
- 1942 – Publicação de *Brandão entre o mar e o amor*, em colaboração com Jorge Amado, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Aníbal Machado. Comemoração do seu aniversário, quando recebe o prêmio “Felipe de Oliveira” pelo conjunto de obras. Escreve *Pequena história da República*, de caráter didático.
- 1944 – Publicação de *Histórias de Alexandre*.
- 1945 – Publicação de *Infância*.
Ingressa no *Partido Comunista Brasileiro*.
- 1952 – Empreende viagem, de abril a junho, a Portugal, França, União Soviética e Tcheco-Eslóvia. Em setembro vai a Buenos Aires, gravemente enfermo, para ser operado, mas não obtém êxito.
- 1953 – Morre no Rio de Janeiro, em 20 de março, aos 60 anos, vítima de câncer pulmonar, depois de ficar internado dois meses na *Casa de Saúde São Vitor*.

Publicações póstumas:

- 1953 – *Memórias do Cárcere* (relato de sua amarga experiência na prisão).
- 1954 – *Viagem* (retrato de sua visita ao exterior).
- 1960 – *Pequena história da República e Histórias agrestes*, (antologia organizada por seu filho, Ricardo Ramos).
- 1962 – *Viventes das Alagoas*
Linhas tortas
Alexandre e outros heróis (englobando *Histórias de Alexandre*, *A terra dos meninos pelados* e *Pequena história da República*)

2. OBRAS

2.1 Romances:

Caetés – 1933
São Bernardo – 1934
Angústia – 1936
Vidas Secas – 1938

2.2 Memórias:

Infância – 1945
Memórias do Cárcere – 1953
Viagem – 1954
Linhas Tortas – 1962

2.3 Conto:

Insônia – 1947

2.4 Infantil:

Histórias de Alexandre – 1944
Dois dedos – 1945
Histórias incompletas – 1946

2.5 Crônicas:

Viventes das Alagoas – 1962

3. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A OBRA DE GRACILIANO RAMOS

Graciliano situa-se no **pólo oposto do populismo** de autores que exploram a vitalidade do homem simples na busca do pitoresco e do melodramático. Sua opção é pelo despojamento, pelo tenso e profundo. Sua modernidade pouco deve aos modernistas e às modas literárias, perante as quais foi visto como inatual e conservador. É hoje considerado por grande parte da crítica nosso melhor romancista moderno. E mais, é tido como o autor que levou ao limite o clima de tensão presente nas relações homem/meio natural, homem/meio social.

Representa, em termos de romance moderno brasileiro, o ponto mais alto da tensão entre o eu do escritor e a sociedade que o formou. Cada personagem projeta as faces angulosas da opressão e da dor, cada obra é uma ruptura. Escrevendo sobre o signo dialético por excelência do conflito, Graciliano compôs uma série de romances cuja descontinuidade é sintoma de um espírito pronto à indagação, à fratura, ao problema. Isso explica a disparidade da linguagem. Cada romance é um questionamento novo, que propõe uma linguagem adequada.

(Alfredo Bosi)

A tensão surge num crescente na cronologia das obras de Graciliano Ramos: de *Caetés* a *Vidas Secas*,

passando por *São Bernardo* e *Angústia*. Acentua-se ainda mais na passagem da ficção à realidade, atingindo o ápice no livro em que relata suas experiências na cadeia: o plano pessoal é ultrapassado para retratar o Brasil num importante momento histórico, quando a convivência **homem/meio social** se torna impossível.

Graciliano Ramos é o autor de enredos que envolvem a seca, o latifúndio, o drama dos retirantes, a caatinga, a cidade. Suas personagens são seres oprimidos moldados pelo meio – Luís da Silva, pela cidade; Paulo Honório e Fabiano, pelo sertão. E, dentro das estruturas vigentes, não há nada a fazer a não ser aceitar a força do inevitável. Daí Rolando Morel Pinto, em brilhante tese sobre o autor, afirmar que as construções de Graciliano Ramos acabam sempre em palavras de sentido negativo e, principalmente, na palavra **inútil**:

Parece que, dentro da posição pessimista e negativista do autor, segundo a qual as pessoas nunca fazem o que desejam, mas o que as circunstâncias impõem, gestos, intenções, desejos e esforços, tudo se torna inútil.

A única saída seria mudar as estruturas e o sistema que geram Paulo Honório em sua ambição, o burguês Julião Tavares e os prepotentes soldados amarelos, estes últimos, símbolos da **ditadura Vargas**.

A morte é um tema recorrente em Graciliano. Seus heróis são sempre problemáticos, levados a um final trágico e irreversível, uma vez que não aceitam o mundo, nem os outros, nem a si mesmos.

Os traços mais característicos do estilo de Graciliano Ramos são: em uma linguagem enxuta, rigorosa e precisa, a economia vocabular, a palavra incisiva, que “corta como faca”, a preferência dada aos nomes de coisas, o uso restrito do adjetivo e a sintaxe clássica, que o aproxima de Machado de Assis e o distancia do “à vontade” dos modernistas e dos outros regionalistas.

4. APRESENTAÇÃO DO ROMANCE VIDAS SECAS

Em *Vidas Secas*, único romance em 3ª pessoa do autor, a opressão dos seres humanos moldados pelo sertão leva o leitor a uma sondagem moral do homem reduzido a uma condição subumana. O drama dos retirantes castigados pela seca reduz o ser humano à situação de homem-bicho. Sua visão crítica das relações sociais exprime a dura e amarga realidade do homem nordestino, hostilizado pelo ambiente e em constante luta pela sobrevivência, daí serem considerados viventes que têm apenas uma coisa a defender: a vida.

Vidas Secas pertence a um gênero intermediário entre romance e livro de contos. Os treze capítulos e cenas independentes se ligam num círculo sem princípio nem fim, o que marca o “Romance Desmontável”, segundo Rubem Braga. Essa circularidade assinala que a tragédia da seca — o drama do nordestino infeliz — é um ciclo repetitivo e sem solução.

Vale lembrar que Graciliano publicou os capítulos como contos e o primeiro foi *Baleia*: mais tarde, reuniu todos os contos sob o título *Vidas Secas*.

O próprio autor explica a gênese do livro: ... no começo de 1937 utilizei num conto a lembrança de um cachorro sacrificado na Maniçoba, interior de Pernambuco, há muitos anos. Transformei o velho Pedro Ferro, meu avô, no vaqueiro Fabiano; minha avó tomou a figura de Sinha Vitória, meus primos pequenos, machos e fêmeas, reduziram-se a dois meninos... Habituei-me tanto a eles que resolvi aproveitá-los de novo. Escrevi “Sinha Vitória”. Depois apareceu “Cadeia”. Aí me veio a idéia de juntar as cinco personagens numa novela miúda — um casal, duas crianças e uma cachorra, todos brutos.

Vidas Secas virou filme pelas mãos do cineasta Néelson Pereira dos Santos, em 1953, e ganhou vários prêmios mais pelo enredo contestatório do que pela técnica cinematográfica.

5. RESUMO DE VIDAS SECAS

O primeiro capítulo, **Mudança**, apresenta a história da retirada de uma família — Fabiano, Sinha Vitória, Menino mais Velho, Menino mais Novo, Baleia — que, depois de uma viagem penosa, quase mortos de fome e sede, encontram um sítio todo estragado, fixando residência ali.

Nesse capítulo, temos a descrição da terra árida e do sofrimento da família. As personagens não se comunicam; apenas duas vezes o pai, irritado com o menino mais velho, xinga-o. Essa falta de diálogos permanece por todo o livro, como também a intenção de não dar nome às crianças, para caracterizar a vida mesquinha e sem sentido em que vivem os retirantes, que são inconscientes de sua situação, embora, ainda nesse primeiro capítulo, Fabiano e Vitória sonhem com uma vida melhor:

Sinha Vitória, queimando o assento no chão, as mãos cruzadas segurando os joelhos ossudos, pensava em acontecimentos antigos que não se relacionavam: festas de casamento, vaquejadas, novenas, tudo numa confusão.

Adiante é Fabiano quem sonha:

Sinha Vitória vestiria uma saia larga de ramagens. A cara murcha de Sinha Vitória remojaria, as nádegas bambas de Sinha Vitória engrossariam, a roupa encarnada de Sinha Vitória provocaria a inveja das outras caboclas.... — e ele, Fabiano, seria o vaqueiro, para bem dizer seria o dono daquele mundo... Os meninos se espojariam na terra fofa do chiqueiro das cabras. Chocalhos tilintariam pelos arredores. A caatinga ficaria verde.

Fabiano, segundo capítulo, é um vaqueiro, filho e neto de vaqueiros, cujos filhos também querem ser vaqueiros. Embrutecido pelo meio, ainda é capaz de analisar a si próprio, tendo consciência de que mal sabe falar e chega à conclusão de que não passa de um bicho. Percebe também que não é bem um homem, mas apenas um caboclo guardando coisas dos outros e sonhando um futuro diferente para os filhos que seriam felizes quando a seca acabasse.

Certa ocasião, Fabiano vai à feira da cidade fazer compras e, apesar de estar sempre desconfiado de que os outros queriam roubar-lhe nas contas, aceita o convite do Soldado Amarelo para jogar trinta e um. O vaqueiro perde o jogo e, quando sai da sala, o soldado vai atrás e provoca-o por ter se retirado sem dar satisfações.

Fabiano profere um palavrão, ofendendo a mãe do soldado, e é preso. Em **Cadeia** (terceiro capítulo), Fabiano é maltratado e, sem entender o que se passa, preocupa-se com a mulher e os filhos que estavam esperando por ele e pelas compras.

Ao fim do capítulo, temo-lo ciente de sua condição de homem vencido e, pior ainda, sem ilusões com relação à vida de seus filhos:

Sinha Vitória dormia mal na cama de varas. Os meninos eram uns brutos, como o pai. Quando crescessem, guardariam as reses dum patrão invisível, seriam pisados, maltratados, machucados por um soldado amarelo.

No quarto capítulo, encontram-se os sonhos de **Sinhá Vitória**: possuir uma cama de couro como a do seu Tomás da bolandeira porque a cama em que ela e o marido dormem é muito dura. Pensa em vender as galinhas para poder realizar o sonho, porém, a raposa vem e come-lhe as aves mais gordas.

Os filhos do casal, **Menino mais Novo** e **Menino mais Velho**, respectivamente quinto e sexto capítulos, têm idéias diferenciadas. O primeiro deseja ser como o pai, forte e vaqueiro. Tenta imitá-lo montando num bode,

no entanto cai no meio da lama e atura a gozação do irmão mais velho, temendo ainda a possibilidade da surra. Já o segundo revela uma curiosidade em relação ao significado das palavras, principalmente o termo **INFERNO** que ninguém é capaz de explicar-lhe, e ainda apanha da mãe por ser insolente. Então, refugia-se no mundo dos sonhos e no carinho de Baleia, a única “pessoa” que o compreende verdadeiramente.

Com a chegada do frio, **Inverno** (cap. 7), a família se reúne em volta da fogueira e, por instantes, chegam a conversar por meio de monossílabos e frases sem sentido. Percebem a dificuldade de comunicação e fecham-se em seu mundo interior e em seus sonhos.

Chega o Natal e, na **Festa** (cap. 8) da cidade, os meninos estréiam roupas novas, Sinha Vitória, seus sapatos altos, e Fabiano, suas botas de borracha. As crianças retraem-se frente a tanta novidade e voltam a preocupação para Baleia que havia desaparecido. Fabiano embriaga-se com cachaça, deita-se na calçada e adormece roncando alto e pensando nos soldados amarelos.

Baleia (cap. 9), estava para morrer de uma doença que a deixara magra e sem pêlos. Talvez fosse hidrofobia e seria necessário sacrificá-la para não transmitir a doença às crianças. Sinha Vitória tranca-se no quarto com os meninos, que choram desesperadamente. Fabiano pega a espingarda e acerta a pata traseira da cachorra que demonstra no seu olhar desconfiança e falta de entendimento, pois amava Fabiano e não conseguia compreender a atitude dele.

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamberia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, roliariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás gordos, enormes.

Percebe-se que, dos seis componentes da família, Baleia é quem, ao lado de Sinha Vitória, com maior clareza consegue elaborar seus devaneios.

Fabiano vai acertar as **Contas** (cap. 10) com o dono da fazenda e não entende os cálculos do patrão, que nunca coincidem com os de Sinha Vitória. Humilha-se frente ao patrão e, como precisa do emprego, aceita tudo e volta para casa com a imagem de Baleia na cabeça e o remorso por tê-la matado.

O **Soldado Amarelo** (cap. 11), símbolo do governo e do autoritarismo, acovarda-se quando um dia se encontra sozinho com Fabiano. O vaqueiro pensa em atacá-lo com o facão, porém desiste, já que o soldado representa a autoridade; afinal, “governo é governo”.

Em **O Mundo Coberto de Penas** (cap. 12), as aves começam a chegar em bandos, prenunciando mais um período de seca.

Fabiano recusa-se a crer que sua vida voltará a ser o que era antes. Acredita na chuva e que não precisará deixar a fazenda. As aves bebem a água e o gado morre. Todos partem e Fabiano decide ir embora junto com a família.

A **Fuga**, último capítulo, era inevitável. Saíram com as trouxas nas mãos, o baú, a cabaça de água, a espingarda, deixando para trás a fazenda, o chiqueiro, o sonho, Baleia e, quem sabe, a seca. Chegariam a outro ponto sem urubus e pessoas morrendo, um lugar civilizado onde os meninos iriam para a escola e Fabiano e Sinha Vitória envelheceriam felizes.

O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, Sinha Vitória e os dois meninos.

OBSERVAÇÕES FINAIS

Vidas Secas começa por uma fuga e acaba com outra. No início da leitura tem-se a impressão de que Fabiano e sua família fogem da seca:

Entrava dia e saía dia. As noites cobriam a terra de chofre. A tampa anilada baixava, escurecia, quebrada apenas pelas vermelhidões do poente.

Miudinhos, perdidos no deserto queimado, os fugitivos agarraram-se, somaram as suas desgraças e os seus pavores.

O último capítulo, **Fuga**, descreve cena semelhante:

A vida na fazenda se tornara difícil. Sinha Vitória benzia-se tremendo, manejava o rosário, mexia os beijos franzidos rezando rezas desesperadas. Encolhido no banco do copiar, Fabiano espiava a caatinga amarela, onde as folhas secas se pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos, e os garranchos se torciam, negros, torrados. No céu azul as últimas arribações tinham desaparecido. Pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carrapato. E Fabiano resistia, pedindo a Deus um milagre.

Mas quando a fazenda se despovoou, viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinheiro que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo. Não poderia nunca liquidar aquela dívida exagerada. Só lhe restava jogar-se ao mundo, como negro fugido.

□ Exercícios Propostos

1. *Aparentemente resignado, sentia um ódio imenso, a qualquer coisa que era ao mesmo tempo a campina seca, o patrão, os soldados e os agentes da prefeitura. Tudo na verdade era contra ele. Estava acostumado, tinha a casca muito grossa, mas às vezes se arreliava. Não havia paciência que suportasse tanta coisa.*

Os termos sublinhados no trecho acima, de *Vidas Secas*, indicam que, para Fabiano,

- as opressões da vida não eram invencíveis, já que seu ódio ou sua paciência, alternando-se, permitiam-lhe enfrentá-las de modo que lhe fosse mais conveniente.
- tudo era motivo de indignação, uma vez que seu pensamento confuso não distinguia entre os verdadeiros inimigos e os possíveis aliados.
- os diferentes antagonismos se misturavam e confundiam-se em sua limitada capacidade de análise, o que lhe impedia qualquer reação objetiva.
- nada era especialmente revoltante, porque ele avaliava com acerto as forças de seus oponentes e acabava adotando uma posição fatalista.
- a vida dos retirantes na caatinga era uma lição de inconformismo, porém nada faziam contra as vicissitudes do clima que estará sempre a castigá-los.

2. *Como não sabia falar direito, o menino balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na catinga, roçando-se.*

(...)

Não era propriamente conversa: eram frases soltas, espaçadas, com repetições e incongruências. Às vezes uma interjeição gutural dava energia ao discurso ambíguo.

O fato de as personagens centrais de *Vidas Secas* se expressarem conforme indicam os fragmentos acima levou Graciliano Ramos, nesse romance, a

- ocupar-se com cenas basicamente descritivas, como um criador que não tem a opção dos diálogos, tampouco acesso ao pensamento informe de suas criaturas.
- compor um conjunto de episódios isolados, desconsiderando a cronologia ou qualquer outro critério de encadeamento das ações.
- elaborar seu próprio estilo num registro imitativo, num discurso entrecortado e vago, que inutilmente procura a expressão das ações.
- adotar formas de discurso indireto livre toda vez que desejou traduzir o pensamento nebuloso e fragmentário de suas personagens.
- criar um narrador que, desvinculado dos desejos e sentimentos das personagens, busca interpretá-las a partir de seus gestos ou expressões faciais.

Texto para os testes 3 e 4.

RETIRANTES

A vida na fazenda se tornara difícil. Sinha Vitória benzia-se tremendo, manejava o rosário, mexia os beiços rezando rezas desesperadas. Encolhido no banco de copiar, Fabiano espiava a catinga amarela, onde as folhas secas se pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos, e os garranchos se torciam, negros, torrados. No céu azul as últimas arribações tinham desaparecido. Pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carrapato. E Fabiano resistia, pedindo a Deus um milagre.

Mas quando a fazenda se despovoou, viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinhento que possuía, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo. Não poderia nunca liquidar aquela dívida exagerada. Só lhe restava jogar-se no mundo, como negro fugido.

(Graciliano Ramos, *Vidas Secas*)

- Assinale a alternativa **incorreta** sobre o fragmento.
 - Além de sofrerem as consequências da seca, Fabiano e sua família também estão submetidos a um regime de dominação social comparável ao do escravo.

- b) A cor amarela (“catinga”) e o tom avermelhado (“folhas secas”) reiteram a idéia de seca e articulam-se com o azul do céu (ausência de chuva) e com os “garranchos negros, torrados” (ausência de água).
- c) O primeiro parágrafo inicia-se e termina com o apelo religioso das personagens, o que enfatiza a idéia de desespero em que se encontram Sinha Vitória e Fabiano.
- d) A sugestão da morte está presente em todo o trecho: “folhas secas”, “bichos se finavam”, “bezerro morrinhento” etc.
- e) Apesar de toda a situação adversa, Fabiano resiste com a altivez e confiança de um típico herói frente aos obstáculos que se lhe apresentam.
4. No trecho “mexia os beijos rezando rezas despedradas”, há
- a) aliteração. b) metáfora.
c) comparação. d) onomatopéia.
e) antítese.
5. (UFV-MG) – A respeito de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, somente **não** podemos afirmar que:
- a) As personagens Fabiano, Sinha Vitória e os filhos são convertidos em criaturas brutalizadas, numa sugestão de que a dureza do solo nordestino aproxima a vida humana da vida animal.
- b) Embora composta de pequenas narrativas isoladas, a obra mantém a estrutura de um romance pela presença quase constante de seus personagens e por uma sucessão temporal.
- c) A obra insere-se no chamado *romance de 30*, por uma total fidelidade aos experimentalismos lingüísticos da fase heróica do movimento modernista.
- d) O retirante Fabiano, incapaz de verbalizar seus próprios pensamentos, expressa-se, quase sempre, através do discurso indireto livre de um narrador onisciente.
- e) A narrativa denuncia o flagelo do sertão nordestino, onde o homem, fundindo-se ao seu meio, é arrastado por um destino adverso e inútil.

6. *Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala.*

(...)

Fabiano tomou a cuia, desceu a ladeira, encaminhou-se ao rio seco, achou no bebedouro dos animais um pouco de lama. Cavou a areia com as unhas, esperou que a água marejasse e, debruçando-se no chão, bebeu muito. Saciado, caiu de papo para cima, olhando as estrelas, que vinham nascendo. Uma, duas, três, quatro, havia muitas estrelas, havia mais de cinco estrelas no céu. O poente cobria-se de cirros – e uma alegria doída enchia o coração de Fabiano.

(...)

A lua crescia, a sombra leitosa crescia, as estrelas foram esmorecendo naquela brancura que enchia a noite. Uma, duas, três, agora havia poucas estrelas no céu. Ali perto a nuvem escurecia o morro.

Os trechos acima pertencem ao primeiro capítulo de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Escrito em terceira pessoa, apresenta personagens oprimidas e moldadas pelo meio.

A respeito dessa obra, é **errado** afirmar:

- a) É um romance cujos capítulos, independentes, podem ser lidos em ordens diferentes de seleção. São painéis variados de um mesmo drama.
- b) É um romance de estrutura cíclica, já que o começo e o fim se tocam, e o drama do primeiro capítulo repete-se no último.
- c) Fabiano, personagem principal, tem uma incapacidade básica de comunicação com outras pessoas. Quase não consegue expressar-se verbalmente; por isso, seu modelo de realização pessoal é Seu Tomás da bolandeira.
- d) O romance, por suas características de linguagem extremamente difícil e por abordar o tema da seca, mostra-se inteiramente desprovido de qualquer estado de poesia e de sentimento lírico.
- e) Revela mais intensamente o sentimento da terra nordestina, e o que marca a fisionomia e os caracteres de suas personagens é o fenômeno da seca.



VIDAS SECAS

- 1) As expressões sublinhadas evidenciam o esgotamento – ou antes a saturação – de Fabiano perante as adversidades com que se deparava, fossem essas adversidades oriundas das dificuldades climáticas (a seca) ou de sua condição socioeconômica, componente das inúmeras injustiças de que era vítima. Problemas de distintas naturezas molestavam-no como se fosse tudo uma coisa só. E, sem poder distinguir um problema do outro, Fabiano mostra-se incapaz de buscar uma solução objetiva para os problemas que o afligem.
Resposta: C
- 2) Em *Vidas Secas*, o autor vale-se do discurso indireto livre sempre que deseja reproduzir as falas de suas personagens nos termos em que teriam sido proferidas, evidenciando-se, assim, a fragilidade e o caráter fragmentário que caracterizam o precário domínio da linguagem por parte de Fabiano e sua família.
Resposta: D
- 3) A alternativa *e* destoa completamente do teor do texto, como se comprova nas seguintes passagens: “Encolhido no banco de copiar, Fabiano espiava a catinga amarela...”, “E Fabiano resistia, pedindo a Deus um milagre”, “...quando a fazenda se despovoou, viu que tudo estava perdido”, “Não poderia nunca liquidar aquela dívida exagerada. Só lhe restava jogar-se no mundo, como negro fugido”. Por essas passagens, nota-se que Fabiano se sente impotente e foge das adversidades.
Resposta: E
- 4) Há aliteração – repetição de fonemas idênticos ou parecidos – em “mexia oS beiÇoS REZAnDo REZAS DeSeSperaDaS. Observe-se a repetição dos fonemas /z/, /s/, /rr/, /d/ etc.
Resposta: A
- 5) *Vidas Secas* insere-se no chamado romance de 30, por ocupar-se de tema de denúncia social, no filão regionalista. Porém não há na obra “experimentalismos lingüísticos”, muito menos aqueles da fase heróica do Modernismo (de 1922 a 1930).
Resposta: C
- 6) A linguagem empregada por Graciliano Ramos em *Vidas Secas* é concisa, direta, lapidar, não podendo ser chamada de “linguagem extremamente difícil”. Essa concisão da linguagem não impede, porém, que haja momentos de profundo lirismo na obra, como ocorre na passagem em que se narra a morte da cachorra Baleia.
Resposta: D